Vamos que vamos

LIVROS SUGERIDOS PARA O SSA 2
TRIÊNIO 2023/2025

1. ALENCAR,Joséde.**Senhora.**SãoPaulo:Ática,2019.(Série bom livro).
2. ARRAES,Jarid.**Poetas negras brasileiras**: uma antologia.EditoradeCultura- Ferina, 2021.
3. ASSIS,Machadode.**DomCasmurro.**SãoPaulo:Ática,2019.(Sériebomlivro).
4. ASSIS,Machadode.**Memórias Póstumas de Brás Cubas.**SãoPaulo:Ática,2019. (Série bom livro).
5. AZEVEDO,Aluísio.**O cortiço**. São Paulo: Ática,2019. (Sériebomlivro).
6. BRAGANÇA, Albertino*etal.* **Contos africanos dos países de língua portuguesa**. São Paulo: Ática, 2021. (Coleção para gostar de ler).
7. MAGALHÃES, Gonçalves de *et al.* **Antologia de poesia brasileira**: Romantismo. São Paulo: Ática, 2019. (Série bom livro).
8. REIS, Maria Firminados. **Úrsula.** SãoPaulo: Penguin Classics-Companhia das Letras, 2018.

1. ALENCAR, José de. **Senhora.** *1874*

O livro é dividido em quatro partes: O Preço (episódios atuais), Quitação (passado de Aurélia), Posse e Resgate. Por estes títulos nota-se termos não românticos, **todos voltados para relações de dinheiro**, mercantilistas. Eles são uma hipérbole da compra que Aurélia fez, compra do próprio marido. Trata-se da metáfora do casamento por interesse. A obra pode ser tida também como uma crônica de costumes, retratando a corte da sociedade fluminense, como você bem deve ter notado enquanto lia o resumo do livro Senhora de José de Alencar. A capital do Império é apresentada de forma idealizada. O espaço parece parisience, europeizado.

A maioria dos personagens não trabalha, seguem a moda francesa e também os mesmos tipos de divertimento: teatro, bailes e saraus. A narração se dá em terceira pessoa e **o narrador é observador e onisciente.** O estilo da escrita envolve **detalhes cenográficos**, também a **descrição psicológica das personagens** e **musicalidade na escrita**. O narrador parece adentrar a alma das personagens e nos dizer suas confidências mais íntimas.

Resumo:
Aurélia Camargo era uma moça pobre, tinha perdido o irmão e o pai; sua mãe, temendo morrer e abandonar a filha desamparada, insistia para que ela fosse ficar na janela pra ver se arrumava um casamento. Realizando tal desejo, conseguiu muitos admiradores e um grande e único amor, Fernando Rodrigues Seixas.

Fernando vivia com a mãe e duas irmãs, levavam uma vida pobre, pois viviam do aluguel de dois escravos, da costura e da pequena ajuda que Fernando dava com seu emprego público. Fernando estava apaixonado por Aurélia e decidiu pedir sua mão em casamento, porém logo mudou de ideia, pois sabia que casando com ela teria uma vida pobre e perderia sua liberdade, deixando assim de frequentar a sociedade.
Assim o romance se esfriou e o noivado foi rompido. Fernando resolveu se casar com Adelaide, pois receberia um dote de trinta mil contos de réis.
Neste mesmo período o avô paterno de Aurélia apareceu, mas faleceu logo em seguida, quase ao mesmo tempo em que sua mãe, no entanto seu avô lhe deixara sua rica herança. Aurélia tornou-se uma moça rica. Sua tutela foi entregue a seu tio Lemos, que havia cortado as relações com a mãe de Aurélia há tempos. Mas ela preferiu viver em uma casa com D. Firmina, uma amiga viúva que a tinha amparado quando ficara sozinha no mundo.
Fernando viajou para Recife na esperança de escapar do casamento. Com sua ausência, Adelaide se reaproximou de Dr. Torquato Ribeiro. Aurélia lhe havia devolvido cinquenta mil contos de réis que a muito lhe devia e assim o pai de Adelaide lhe consentiu a mão da filha. Quando Fernando voltou já estava livre do casamento, foi então que Lemos lhe propôs casar-se com uma moça em troca de um dote de cem mil contos de réis, ele acabou por aceitar e recebeu um adiantamento de vinte mil contos de réis, logo depois conheceu a moça, que era Aurélia. Alegrou-se, pois sempre a amara. Fernando e Aurélia se casaram. No quarto de núpcias, quando Fernando se declarou, Aurélia friamente entregou-lhe o resto do dote e disse que ele a pertencia, afinal acabara de comprá-lo. Nessas condições passaram a viver um falso casamento, dormiam em quartos separados e sempre se tratavam intimamente com sarcasmo e ironia. Com o decorrer do tempo Fernando se dedicou ao trabalho de servidor público e Aurélia passou por um longo tempo se isolando de todos. Depois de tal isolamento dedicou-se a festas, visitas e pequenas reuniões contínuas.

Ao voltar de um baile quase houve uma reconciliação, no entanto ela não aconteceu. Então durante uma valsa, em um baile próprio, Aurélia desmaiou e acabaram sozinhos no quarto dela. Nesse momento quase houve novamente uma reconciliação, mas Fernando sem querer disse palavras que ofenderam a sua esposa. Voltaram para o baile, ainda vivendo de aparências. Quando o baile acabou cada um foi para seu quarto, Aurélia, baseando-se nos recentes acontecimentos, concluiu que Fernando realmente a amava, quase foi ao encontro dele, mas precisava ter certeza e abandonou assim a ideia. Nos dias seguidos Fernando recebeu o dinheiro que havia ganhado através de um investimento, pediu para conversar com Aurélia. Após o jantar foram para o quarto dela, ele entregou a ela um cheque com o valor que ela havia pagado pelo dote e mais os outros vinte mil contos de réis, conquistados no trabalho na repartição e com o lucro do investimento. Declarou-se livre, pois havia lhe devolvido o dinheiro com o qual ela o havia comprado. Considerando-se dois estranhos, despediram-se. Nesse momento Aurélia confessou todo o amor que tinha por Fernando, afirmou que sendo eles agora estranhos o passado havia sido esquecido e assim podiam

viver o amor que sentiam. Fernando, ao ouvir tal confissão, beijou sua esposa e assim reconciliaram. Ele de repente hesitou, o dinheiro de Aurélia os impedia de se amarem, ela então pegou em uma gaveta um documento, tratava de seu testamento, no qual deixava tudo para Fernando. Nessas circunstâncias, uniram-se no "amor conjugal". **(Por Rebeca Cabral)**

2. ARRAES, Jarid. Poetas negras brasileiras: uma antologia. 2021.

Poetas Negras Brasileiras — uma antologia, livro lançado pelo selo Ferina, da Editora de Cultura, reúne mais de setenta vozes contemporâneas. Entre elas, nomes reconhecidos como Cristiane Sobral, Conceição Evaristo, Esmeralda Ribeiro e Mel Duarte

O selo literário Ferina, com curadoria, organização e coordenação de Jarid Arraes, lança, pela da Editora de Cultura, a obra *Poetas Negras Brasileiras — uma antologia*, reunindo mais de setenta poetas, dos 18 aos 70 anos e de diferentes regiões brasileiras. Em 128 páginas, a obra panorâmica apresenta vozes contemporâneas e convida a um mergulho em um pluriverso de possibilidades de apreensões da mulheridade negra e suas escritas.
De acordo Aza Njeri, professora e doutora pela UFRJ, que assina a orelha, a obra traduz em "metáforas dissonantes, plasticidades e sonoridades, as experiências éticas e estéticas que atravessam o Viver". Ao mesmo tempo, pondera, a antologia aponta tanto para os dramas coletivos do existir, quanto para uma profunda camada da subjetividade.
"Os poemas trazem temas como identidade, linhagem, ancestralidade, sexualidade, cabelo e fenótipo, violência, racismo, equidade, maternidade, amor, paixão... Se tivesse, entretanto, que resumir esta antologia em apenas uma palavra seria força: não aquela romantizada que limita em lugares estanques a potência das mulheres negras, mas a força daquelas mulheres que fazem do verbo as suas armas de guerra e as suas fortalezas", reforça.
Nomes reconhecidos como Cristiane Sobral, Esmeralda Ribeiro, Jarid Arraes e Mel Duarte nos brindam com suas poesias e, em nada ofuscam as outras vozes, menos conhecidas, mas de igual potência. "Pelo contrário, são sons que dialogam e se empoderam, nos mostrando que Viver é um Ato Poético e as percepções humanas da Vida podem ter multiperspectivas", evidencia Aza.

Jarid Arraes foi quem organizou e coordenou a antologia. Nascida em Juazeiro do Norte, na Região Metropolitana do Cariri (CE), Jarid é escritora, poeta e cordelista, autora do premiado *Redemoinho em dia quente* (2019), vencedor dos prêmios APCA, Biblioteca Nacional e finalista do Jabuti. Também é autora de *As lendas de Dandara* (2016), *Heroínas Negras Brasileiras em 15 cordéis* (2017) e *Um buraco com meu nome* (2018). Criadora do Clube de Escrita para Mulheres, é autora de mais de setenta títulos em literatura de cordel.
Em 2019, Jarid Arraes abriu uma chamada pública para que escritoras negras brasileiras enviassem contos e poemas para fazerem parte de uma antologia. "Não esperava, no entanto, receber apenas dois contos entre centenas de poemas", conta. "A mudança de abordagem foi feita com alegria e todas as mulheres negras que enviaram seus poemas dentro do prazo foram selecionadas."
A intenção foi mostrar a diversidade estética e temática das mulheres negras na literatura. "A grande variedade é a prova que mulheres escrevem e não cabem em apenas uma categoria temática. É a prova de que curadores que não incluem mulheres negras em seus eventos literários precisam ampliar seus repertórios. Mulheres negras escritoras existem, insistem e resistem", crava a escritora.
cassandra Follow Published in revistacassandra
Oct 26, 2021

"Dentre os temas aparece a solidão da mulher negra, o amor que muitas vezes não chega a essa mulher, reflexo do racismo fundante da sociedade brasileira. A ancestralidade encontra um grande eco e as vozes dos ancestrais são reverenciadas. Aparecem também a desigualdade de oportunidades entre brancos e negros na sociedade brasileira, a denúncia do genocídio de jovens negros, do encarceramento em massa, a falsa meritocracia que embasa discursos racistas.
Temas como direito ao corpo, aborto, orgasmo, amor heterossexual e homoafetivo, maternidade, gozo como ato revolucionário, entrega, memória, medo, resistência ao silenciamento imposto e à submissão, denúncia da violência doméstica também aparecem com grande recorrência ao longo dos poemas.
Há também uma reflexão sobre o processo de escrita. No poema "mãos que escreveram primeiro", de Carina Castro, lemos:

toda vez que me faço fio no papel
a terra reverbera
subterraneidades
inscritas na pedra
com os dedos trançados
o ontem e o hoje abrem caminhos na ponta afiada (p. 26).

Esse trecho nos mostra a potência da escrita dessas mulheres negras que se expressam por meio da escrita e falam de um universo plural que lhes é próprio. Essa escrita reverbera, traz o passado, o presente, questiona, analisa a realidade social em que essas mulheres estão inseridas. No poema "Todas as cores de preta", de Jéssica Regina, podemos observar como o lugar da escrita se torna o lugar da autoafirmação:

Gritaram! Gritei!
Briguei! Calaram.
Não me calaram.
Não calarão.
Não apagarão
O negro em preto e branco
Sou preta
Sou negra de todas as cores.
De todos os tons
Sou todas as cores.
Sou todas as pretas. (p. 59).

Ao longo desta antologia nos deparamos com a pluralidade de ser mulher negra, com sua luta para falar, para existir, para

questionar um padrão que é socialmente imposto e que tenta cercear a mulher negra da fala e do ato.
Jarid Arraes dá voz a essas escritoras negras que bradam contra o racismo, o patriarcado, contra o apagamento de suas origens étnico-raciais. Os textos são marcados por uma voz poética que fala contra um discurso hegemônico que destitui o corpo negro de beleza, de intelectualidade. São recolhidas diversas vozes que revelam como a escrita pulsa na mão dessas escritoras de diferentes gerações e regiões do país, que não aceitam serem excluídas da cena literária, garantindo seu direito de fala, de grito, de denúncia".(Patrícia Anunciada de Oliveira é graduada em Letras pela PUC-SP, Mestre em Literatura pela UNIFESP e doutoranda em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela USP)

3. ASSIS, Machado de.Dom Casmurro (1900)

"Dom Casmurro", de Machado de Assis, teve sua primeira edição lançada em 1900. O livro pode ser compreendido como a autopsicanálise de **Bento Santiago**, que viveu uma história de amor com final trágico. Emotivamente, encontra-se mutilado, pois acredita ter sido traído pela esposa, **Capitu**, e pelo melhor amigo, **Escobar**.

Muitos anos após a morte dos dois, decidiu escrever um livro para se livrar dos fantasmas do passado, demonstrando definitivamente que não errou na atitude que tomou em relação à mulher e ao filho. A ação se passa aproximadamente entre 1857 e 1875, embora o livro tenha sido escrito na década de 1890. Na infância e adolescência, Bento de Albuquerque Santiago morava na rua de Matacavalos (Rio de Janeiro), com sua mãe viúva dona **Glória**, a prima **Justina**, o tio **Cosme** e o agregado **José Dias**. Na casa ao lado, vivia Capitolina (Capitu), filha de **Pádua e Fortunata**. Ao contrário da família de Bentinho, os pais de Capitu são pobres. Mesmo assim, os meninos conviveram como amigos.

À força no seminário

Quando Bentinho completou 15 anos, José Dias lembrou dona Glória da promessa por ela feita de enviar o filho para o seminário. Na verdade, procurava alertá-la para o perigo de envolvimento amoroso do menino com a vizinha. Mas Bentinho e Capitu já estavam apaixonados. De qualquer modo, foram separados pelo seminário, Bentinho tornou-se amigo de Escobar, outro seminarista sem vocação. Posteriormente, com a ajuda do mesmo José Dias e de Escobar, Bentinho conseguiu fazer a mãe desistir da promessa de torná-lo padre. Foi para São Paulo e formou-se em direito. Depois, voltou para o Rio e casou-se com Capitu. Escobar, por sua vez, casou-se com uma amiga dela, Sancha.

De quem é esse filho?

Os dois casais eram felizes e se tornaram muito amigos. Contudo, Bentinho e Capitu sentiam-se contrariados por não terem filhos. Dois anos mais tarde, nasceu um menino, chamado de Ezequiel. O menino crescia e Bentinho, sempre inseguro e ciumento, via nele a cara de Escobar. A partir de então, a amizade de Escobar por Capitu passou a alimentar as dúvidas de Bentinho. Escobar morreu afogado e as lágrimas de Capitu pelo morto deixaram Bentinho transtornado: pensou em suicidar-se, matar a esposa e, por fim, a separar-se dela. Mandou-a para a Suíça com o filho, onde ela morreria. Adulto, **Ezequiel** voltou ao Brasil, mas Bento não conseguia ver nele senão o retrato de Escobar.

Ajustando as contas com o passado

Formado em arqueologia, Ezequiel partiu para o Egito, morrendo em Jerusalém. Solitário e angustiado, Bentinho passou a viver para o passado. Procurava reinterpreta-lo, construindo no Engenho Novo uma casa idêntica à de Matacavalos. Em seguida pôs-se a escrever sua autobiografia, para convencer-se da traição da mulher e para provar ao mundo que não agira mal ao recusar Ezequiel. Como bem ressalta o crítico literário Ivan Teixeira: "Até hoje, a maioria das pessoas só tem se preocupado em ressaltar a ambiguidade e dissimulação de Capitu, porque isso é o que Bentinho diz dela. Não se pode esquecer, porém, que 'Dom Casmurro' é um retrato de mulher feito pelo marido. Vem daí que aquela a ambiguidade depende da maneira com que o marido a vê. E, além disso, sendo um retrato moral, jamais poderia ser preciso."

Causa e perspectiva

Qual seria a motivação desse retrato? Bentinho precisava dessa justificativa para si mesmo, por não dispor de nenhuma prova concreta contra Capitu, a não ser a suposta semelhança entre seu filho e Escobar. Suposta, pois se trata da versão que o próprio Bentinho dá aos fatos. Todos os personagens só se tornam conhecidos do leitor pela sua perspectiva. Esse é o grande lance da obra: a escolha certa do foco narrativo. Mais uma vez citando Ivan Teixeira: "Ao inventar um narrador problemático, o romancista descobriu a chave para a densidade psicológica do romance e também para o seu efeito estético".

4.ASSIS, Machadode.Memórias Póstumas de Brás Cubas.

"Publicado em 1881, inaugurou o Realismo no Brasil. Trata-se de uma narrativa feita em primeira pessoa, com o inusitado de o narrador já ter morrido quando começou a escrever. Narra-se, de maneira breve, a infância do protagonista.São contados os diversos amores de Brás Cubas, protagonista da história. Descreve-se a vida adulta de Cubas, suas diversas tentativas de trabalho e de invenção (tal qual o emplasto).
Por fim, o narrador descreve sua vida como um conjunto de negativas que acabam com um único saldo positivo: "Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.""

Contexto

O contexto histórico que dialoga com o romance Memórias póstumas de Brás Cubas é o de um Brasil construindo sua urbanidade, principalmente na cidade do Rio de Janeiro, capital nacional no período. De modo geral, a obra de

Machado de Assis retrata os tipos e cenas comuns dessa sociedade carioca.

A libertação dos escravos , em 1888, e seus efeitos na vida urbana, assim como a reestruturação política brasileira a partir da Proclamação da República, em 1889, são alguns dos fatos históricos que permeiam o livro machadiano. Veja, a seguir, um trecho do romance em que o narrador retrata sua relação com os escravos na infância: Desde os cinco anos merecera eu a alcunha de "menino diabo"; e verdadeiramente não era outra coisa; fui dos mais malignos do meu tempo, arguto, indiscreto, traquinas e voluntarioso. Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher do doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui dizer à minha mãe que a escrava é que estragara o doce "por pirraça"; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha as mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa de freio, eu trepava-lhe ao dorso, com uma varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro lado, e ele obedecia, — algumas vezes gemendo, — mas obedecia sem dizer palavra, ou, quando muito, um — "ai, nhonhô!" — ao que eu retorquia: — "Cala a boca, besta!"

Memórias póstumas de Brás Cubas,
Análise da obra

O romance Memórias póstumas de Brás Cubas é uma obra complexa, e os diversos detalhes presentes no seu enredo só podem ser apreendidos a partir da leitura, na íntegra, do livro de Machado de Assis. Não obstante, a seguir descrevemos alguns dos pontos fundamentais para a compreensão da narrativa.

Narrador: defunto autor
O romance machadiano é narrado em primeira pessoa, possuindo, portanto, um narrador em primeira pessoa e, nessa estruturação, há duas questões fundamentais:

Primeiramente, essa escolha afasta a obra das narrativas realistas europeias – ali se usava o narrador onisciente para transferir à obra maior grau de objetividade; Em segundo lugar, para além do uso de um personagem narrando sua vida a partir de uma visão particular – e subjetiva, portanto –, Brás Cubas, antes de começar a contar sua história, morre. Nesse sentido, a personagem intitula-se não um autor defunto, mas sim um defunto autor – haja vista que a morte ocorre antes da escrita de suas memórias póstumas. Infância A infância de Brás Cubas é contada brevemente nos primeiros capítulos do romance. Ali, percebemos a representação de uma infância não idealizada e, em muitos casos, até cruel – conforme se pode ver na descrição da relação entre o narrador e um escravo, transcrita anteriormente.

Feito dessa forma, o retrato dos anos de criança afasta o romance de Machado de Assis do Romantismo, movimento em que a mocidade é vista como ideal e motivo de saudade.

Amores
O amor é outro elemento que afasta o romance Memórias póstumas de Brás Cubas da estética romântica – movimento que foi sucedido pelo Realismo. Para os românticos, tais quais José de Alencar e Álvares de Azevedo , o sentimento amoroso era representado como maior meta da vida e, em muitos casos, inatingível. Além disso, a figura da amada era idealizada e única. No romance de Machado de Assis, entretanto, não há idealização do amor ou da mulher. De fato, Brás Cubas tem uma grande paixão na vida, a personagem Virgília. Entretanto, ela nem é única e tampouco completamente correspondida e eterna. Outros amores do protagonista são Marcela, Eugênia e Nhã-Loló.

Veja um trecho do romance em que Brás Cubas descreve seu maior amor, Virgília:

Virgília? Mas então era a mesma senhora que alguns anos depois?... A mesma; era justamente a senhora, que em 1869 devia assistir aos meus últimos dias, e que antes, muito antes, teve larga parte nas minhas mais íntimas sensações. Naquele tempo contava apenas uns quinze ou dezesseis anos; era talvez a mais atrevida criatura da nossa raça, e, com certeza, a mais voluntariosa. Não digo que ia lhe coubesse a primazia da beleza, entre as mocinhas do tempo, porque isto não é romance, em que o autor sobredoura a realidade e fecha os olhos às sardas e espinhas; mas também não digo que lhe maculasse o rosto nenhuma sarda ou espinha, não. Era bonita, fresca, saía das mãos da natureza, cheia daquele feitiço, precário e eterno, que o indivíduo passa a outro indivíduo, para os fins secretos da criação. Era isto Virgília, e era clara, muito clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de uns ímpetos misteriosos; muita preguiça e alguma devoção, — devoção, ou talvez medo; creio que medo.

Emplasto Brás Cubas
Já no final da vida, Brás Cubas assume para si a responsabilidade de criar um medicamento capaz de curar todas as doenças do mundo. Tal projeto, obviamente, não dá certo e torna-se mais uma das frustrações do narrador. Leia, a seguir, o momento em que o narrador conta da ideia do remédio, intitulado "Emplasto Brás Cubas": Com efeito, um dia de manhã, estando a passear na chácara, pendurou-se-me uma ideia no trapézio que eu tinha no cérebro. Uma vez pendurada, entrou a bracejar, a pernear, a fazer as mais arrojadas cabriolas de volatim, que é possível crer. Eu deixei-me estar a contemplá-la. Súbito, deu um grande salto, estendeu os braços e as pernas, até tomar a forma de um X: decifra-me ou devoro-te. Essa ideia era nada menos que a invenção de um medicamento sublime, um emplastro anti-hipocondríaco, destinado a aliviar a nossa melancólica humanidade.

O capítulo das negativas
O último capítulo do romance tornou-se célebre por resumir a ironia e o pessimismo típicos da escrita de Machado de Assis. Nele, Brás Cubas faz uma espécie da ponderação acerca da própria vida, que, segundo ele, pode ser resumida como uma sucessão de negativas. Não obstante, um saldo positivo acaba restando para o narrador, conforme se lê a seguir:

Este último capítulo é todo de negativas. Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento. Verdade é que, ao lado dessas faltas, coube-me a boa fortuna de não comprar o pão com o suor do meu rosto. Mais; não padeci a morte de D. Plácida, nem a semidemência do Quincas Borba. Somadas umas coisas e outras, qualquer pessoa imaginará que não houve míngua nem sobra, e conseguintemente que saí quite com a vida. E imaginará mal; porque ao chegar a este outro lado do mistério, achei-me com um pequeno saldo, que é a derradeira negativa deste capítulo de negativas: — Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria.

Personagens
O romance Memórias póstumas de Brás Cubas é longo – conta-se toda a vida e morte do protagonista. Por isso, não é curta a lista de personagens presentes na obra. Não obstante, alguns deles são de fundamental importância e vale a lembrança:

Brás Cubas, protagonista da história;
Virgília, maior paixão de Brás Cubas;
Lobo Neves, marido de Virgília e político;
Marcela, prostituta e primeiro amor de Brás Cubas;
Eugênia, segundo amor do narrador;
Nhã-Loló, que se casaria com Brás Cubas, mas falece vitimada pela febre amarela;

Quincas Borba, amigo de infância de Brás Cubas. Esse específico personagem teve seu próprio romance também publicado por Machado de Assis. Por Me. Fernando Marinho"("Memórias póstumas de Brás Cubas" em:

https://brasilescola.uol.com.br/literatura/memorias-postumas-bras-cubas.htm)

5.AZEVEDO,Aluísio.O cortiço

"O Cortiço" é um romance escrito por Aluísio Azevedo que tem como cenário e personagem principal uma habitação coletiva de pessoas pobres. O autor conta sobre a rotina e as relações dos personagens que nela vivem, explicando seus comportamentos a partir das influências do meio-ambiente, da raça e do contexto histórico".

https://querobolsa.com.br › enem › literatura › o-cortico

O cortiço é a obra mais famosa do escritor brasileiro Aluísio Azevedo. Essa narrativa apresenta uma diversidade de personagens, todos analisados por um olhar objetivo segundo as teorias científicas da época. Suas histórias se passam em um cortiço carioca de propriedade do ambicioso João Romão.Aluísio Azevedo é o principal nome do naturalismo brasileiro. Portanto, o romance em questão apresenta visão determinista e zoomorfização. Nessa obra, os personagens são comandados pelo instinto em detrimento da razão. Assim, sobressai o instinto sexual, mostrado de forma explícita pelo narrador.

O cortiço conta as histórias dos personagens de um cortiço carioca.A narrativa se passa no Segundo Reinado, antes da abolição da escravatura.Romance naturalista, a obra apresenta determinismo e zoomorfização. Seu autor, Aluísio Azevedo, nasceu em 1857 e faleceu em 1913.

Tempo da obra
Na obra, não há especificação do ano exato dos acontecimentos, mas, pelo contexto, concluímos que são **fatos ocorridos na segunda metade do século XIX**, porém antes da abolição da escravatura, em 1888. Já o tempo da narrativa é cronológico.

Espaço da obra
A história se passa no bairro de Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro.

Resumo da obra O cortiço
João Romão prospera após o patrão deixar-lhe, "em pagamento de ordenados vencidos, nem só a venda com o que estava dentro, como ainda um conto e quinhentos em dinheiro".**|1|** Ao seu lado, está Bertoleza, uma mulher negra e escravizada. Ela tem uma quitanda, onde vende angu, peixe frito e iscas de fígado.
Do que ganha, paga "a seu dono vinte mil-réis por mês, e, apesar disso, tinha de parte quase que o necessário para a alforria". Ela acaba amigada com João Romão e confia no homem para que ele guarde suas economias e envie para o "senhor" dela os vinte mil-réis mensais. **Com a ajuda de Bertoleza, João Romão enriquece e constrói o cortiço** de São Romão. **Ao lado do cortiço, mora um negociante português e sua família**. Miranda é casado com Estela, uma mulher adúltera. A filha do casal se chama Zulmira. E os moradores do cortiço acabam sendo um grande incômodo para Miranda. Mas não é só com isso que ele tem que se preocupar, pois está ciente do comportamento adúltero da mulher. E quando o jovem Henrique, de quinze anos, "filho de um fazendeiro importantíssimo que dava belos lucros à casa comercial de Miranda", se hospeda na casa do comerciante, Estela decide seduzir o rapaz.
Na casa do Miranda, também moram as criadas Isaura, "mulata ainda moça, moleirona e tola", e Leonor, "negrinha virgem, [...], muito ligeira e viva, lisa e seca como um moleque"; além de Valentim, "filho de uma escrava que foi de Dona Estela e a quem esta havia alforriado". A casa conta também com outro hóspede: o velho Botelho, um "parasita" amigo do Miranda.

No cortiço, vive Leandra (apelidada de Machona), uma "portuguesa feroz, berradora, pulsos cabeludos e grossos, anca de animal do campo". Ela é mãe de Ana das Dores, Nenen e Agostinho. Já Augusta Carne Mole é "brasileira, branca" e casada com Alexandre, "um mulato de quarenta anos, soldado de polícia, pernóstico". Eles são pais da Jujú.
A pequena Jujú mora "na cidade com a madrinha que se encarregava dela". A madrinha se chama Léonie, "uma cocote de trinta mil-réis para cima", de procedência francesa, que visita sempre o cortiço, onde mora também Leocádia, portuguesa casada com Bruno, um ferreiro.
Há também Paula ou Bruxa, "uma cabocla velha, meio idiota, a quem respeitavam todos pelas virtudes de que só ela dispunha para benzer erisipelas e cortar febres por meio de

rezas e feitiçarias". Outra moradora é Marciana, "mulata antiga, muito séria e asseada em exagero", mãe de Florinda.
A dona Isabel é mãe de Pombinha, uma jovem bonita, "posto que enfermiça e nervosa ao último ponto; loura, muito pálida, com uns modos de menina de boa família". A jovem é noiva de João da Costa, "moço do comércio, estimado do patrão e dos colegas, com muito futuro".
Pombinha, com aproximadamente 18 anos, ainda não menstrua, "apesar do zelo da velha e dos sacrifícios que esta fazia para cumprir à risca as prescrições do médico e não faltar à filha o menor desvelo". Outro morador do cortiço é Albino, "um sujeito afeminado, fraco, cor de espargo cozido [...]. Era lavadeiro e vivia sempre entre as mulheres, com quem já estava tão familiarizado que elas o tratavam como a uma pessoa do mesmo sexo".
No cortiço, também vive o velho Libório, que "andava sempre a fariscar os sobejos alheios, filando aqui, filando ali, pedindo a um e a outro, como um mendigo, chorando misérias eternamente, apanhando pontas de cigarro para fumar no cachimbo, cachimbo que o somítico roubara de um pobre cego decrépito".
João Romão também é dono de uma pedreira e contrata o português Jerônimo para trabalhar lá. Jerônimo é um homem sério e traz a esposa, de nome Piedade, para viver com ele no cortiço. Mas, depois de meses de ausência, Rita Baiana volta a viver no cortiço de São Romão.
Ela chega com "seu farto cabelo, crespo e reluzente, puxado sobre a nuca, [...]. E toda ela respirava o asseio das brasileiras e um odor sensual de trevos e plantas aromáticas. [...], saracoteando o atrevido e rijo quadril baiano, [...], pondo à mostra um fio de dentes claros e brilhantes que enriqueciam a sua fisionomia com um realce fascinador".
Ela "agora vivia metida" com o Firmo, mestre capoeirista, amigo de um tal de Porfiro. No entanto, o português Jerônimo cai de amores por Rita Baiana. Enquanto isso, Leocádia, "num lugar plantado de bambus e bananeiras, onde havia o resto de um telheiro em ruínas", se entrega a Henrique, hóspede do Miranda, em troca de um coelho.
Ela também pede ao rapaz para lhe fazer "um filho, que eu preciso alugar-me de ama de leite", pois "estão pagando muito bem as amas". No entanto, com a chegada de Bruno, o rapaz e o coelho fogem. Vendo a mulher ali, o ferreiro a agride violentamente. Bruno e Leocádia viram o assunto do momento, pois a briga deles continua no cortiço, e Leocádia vai embora.
Quando **João Romão tem a notícia de que seu vizinho Miranda se tornou barão**, o vendeiro sente inveja. A sordidez do lugar onde vive (pois não gasta o dinheiro que tem) e sua relação com Bertoleza começam a incomodar o homem. Ele passa a desejar honrarias e reconhecimento.
Firmo percebe o interesse de Jerônimo em Rita Baiana. Quando, no "meio do pagode, a baiana caíra na imprudência de derrear-se toda sobre o português e soprar-lhe um segredo, requebrando os olhos", Firmo reage, e os dois homens começam uma briga; os socos do português contra o gingado do capoeirista.
Depois de agredir o outro com um varapau, Jerônimo é ferido gravemente, pois Firmo lhe rasga o ventre com uma navalha, antes de fugir. Isso acaba fazendo Rita Baiana se apaixonar pelo português. Em seguida, o narrador conta o que aconteceu naquele dia, na casa de Léonie, quando dona Isabel e Pombinha foram visitar a cocote (prostituta).
Enquanto dona Isabel dormia, depois da refeição, Léonie seduziu Pombinha. No dia seguinte após a relação sexual com a cocote, Pombinha tem sua primeira menstruação: "sentiu o grito da puberdade sair-lhe afinal das entranhas, em uma onda vermelha e quente". Dias depois, ocorre o seu casamento com João da Costa.**João Romão estreita amizade com Miranda e fica noivo de sua filha.** Já Jerônimo, após sair do hospital, paga Pataca e Zé Carlos para o ajudar a matar o Firmo, em um assassinato bastante violento. Agora Rita Baiana só pertence a Jerônimo, para a infelicidade de Piedade. Para vingar a morte de Firmo, integrantes do cortiço rival vão até o cortiço de São Romão, e ocorre ali uma verdadeira batalha. Aproveitando a confusão, a Bruxa coloca fogo no cortiço. Assim, "conseguira afinal realizar o seu sonho de louca: o cortiço ia arder", mas à "meia-noite estava já completamente extinto o fogo e quatro sentinelas rondavam a ruína das trinta e tantas casinhas que arderam". Abandonada pelo marido, Piedade se entrega ao álcool. Pombinha, depois de dois anos de casada, se transforma em prostituta. E **Bertoleza se torna um grande estorvo na vida de João Romão**, até o dia em que o filho de seu "proprietário" aparece. Como João Romão embolsou o dinheiro da alforria, para não voltar a ser escrava, Bertoleza comete suicídio.

Narrador da obra
A obra conta com um **narrador onisciente**, que conhece todos os detalhes da vida e dos pensamentos de cada personagem.

Características da obra
O romance *O cortiço* é composto por 23 capítulos. Essa obra do naturalismo brasileiro possui as principais características desse estilo:
linguagem objetiva;
cientificismo;
caráter determinista;
zoomorfização;
personagens comandados pelo instinto;
prevalência do instinto sexual;
análise do comportamento de indivíduos marginalizados;
visão racista e homofóbica.

Contexto histórico da obra
O romance *O cortiço* **tem como pano de fundo o Segundo Império**. Comandado por D. Pedro II (1825-1891), o Brasil assistiu ao crescimento dos movimentos abolicionistas, que contribuíram para o advento da abolição da escravatura, em 1888. Contudo, também viu a economia abalada pela dispendiosa participação na Guerra do Paraguai (1864-1870). Assim, a obra de Aluísio Azevedo deixa transparecer também elementos associados ao capitalismo, assunto em voga no final do século XIX. Afinal, o **Brasil fazia a transição do regime escravocrata para o regime capitalista**. João Romão, personagem da obra, é um símbolo desse novo regime.

(https://brasilescola.uol.com.br/literatura/o-cortico-dealuisio-azevedo.htm.)

6. BRAGANÇA,Albertinoetal.Contos africanos dos países de língua portuguesa 1ª edição (1 janeiro 2009)

O volume Contos Africanos reúne narrativas de dez autores de cinco países: Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe.Esses países foram colonizados por Portugal, ficaram independentes apenas em meados da década de 1970 e adotaram a língua portuguesa como idioma oficial.Todos são marcados pelo plurilinguismo e, em alguns casos, como Cabo Verde e Guiné-Bissau, a língua de comunicação são idiomas crioulos originados do contato do português
com línguas locais, mas é em português que está escrita e consagrada a maior parte de sua produção literária

(https://www.edocente.com.br/pnld/contos-africanos-dos-paises-de-lingua-portuguesa)

Este volume apresenta aos leitores brasileiros autores contemporâneos da África de língua portuguesa. São dez contos de diferentes estilos e temáticas, que traçam um panorama cultural dos países que falam o português, com todas as diferenças e semelhanças que permitem comparações com a realidade brasileira. Neste volume - Luandino Vieira, Mia Couto, Ondjaki, Albertino Bragança, Boaventura Cardoso, José Eduardo Agualusa, Luís Bernardo Honwana, Odete Costa Semedo, Teixeira de Sousa e Nelson Saúte.

7. MAGALHÃES, Gonçalves de et al. Antologia de poesia brasileira 2019: Romantismo.

Este livro traz os poemas mais significativos de 11 dos maiores poetas da fase romântica de nossa literatura. É uma coletânea que mostra a diversidade que o romantismo adquiriu em solo brasileiro. Mais do que ajudar a fundar uma literatura própria, esses poetas celebraram ideais estéticos e políticos que ressoam nos tempos atuais

8.REIS , Maria Firminados . Úrsula. São Paulo 2018.

Obra inaugural da literatura afro-brasileira, Úrsula é um dos primeiros romances de autoria feminina escritos no Brasil. Maria Firmina dos Reis, mulher negra nascida no Maranhão, constrói uma narrativa ultrarromântica para falar das mazelas sociais decorrentes da escravidão.

Tancredo e Úrsula são jovens, puros e altruístas. Com a vida marcada por perdas e decepções familiares, eles se apaixonam tão logo o destino os aproxima, mas se deparam com um empecilho para concretizar seu amor. Combinando esse enredo ultrarromântico com uma abordagem crítica à escravidão, Maria Firmina dos Reis compõe Úrsula, um dos primeiros romances brasileiros de autoria feminina, em 1859. Por dar voz e agência a personagens escravizados, é vista como a obra inaugural da literatura afro-brasileira. Retrata homens autoritários e cruéis, mostrando atos inimagináveis de mando patriarcal e senhorial em um sistema que não lhes impõe limites. Com rica introdução e contextualização histórica, esta edição de Úrsula celebra uma das autoras mais importantes da literatura nacional e conta com estabelecimento de texto e introdução de Maria Helena Pereira Toledo Machado e cronologia de Flávio Gomes.

SUGESTÕES DE FILMES SSA 2

01. MADAME BOVARY
Gênero:Histórico, Drama
Duração: 1h 59min
Direção: Sophie Barthes
Roteiro: Sophie Barthes
Elenco:Mia Wasikowska, Ezra Miller,Henry Lloyd- Hughes

Na França do século XIX, Emma Bovary (Mia Wasikowska) é a jovem e bela esposa de um tradicional médico de uma pacata cidade. Ela dá início a uma relação extraconjugal para tentar se promover na sociedade e melhorar seu status social. Porém, suas atitudes levam-na ao oposto deu seus objetivos. Adaptação de obra homônima de Gustave Flaubert.

02. GERMINAL
Gênero:Drama, Histórico
Duração: 2h 40min
Direção: Claude Berri
Roteiro:Arlette Langmann
Elenco:Renaud, Miou-Miou, Gérard Depardieu

Filme baseado na obra clássica de Émile Zola, conta a história de um jovem desempregado que, por sérias necessidades, aceita emprego em uma mina. Nesse ambiente de miséria, maus-tratos e alcoolismo, conhece todos os tipos de pessoas, inclusive Catherine, por quem se apaixona.
Durante o Século XIX, os trabalhadores franceses eram explorados pela aristocracia burguesa, que dava condições miseráveis para seus empregados. Em uma cidade francesa, os mineradores de uma grande mineradora, decidem realizar uma greve e se rebelam contra seus chefes, causando o caos.

03. O GUARANI
Gênero:Drama,Romance
Duração: 1h 31min
Direção: Norma Bengell
Roteiro: José Joffily
Elenco:Márcio Garcia,Tatiana Issa, Glória Pires

Peri (Marcio Garcia) é um jovem índio goitacá, brasileiro que se apaixona por uma bela jovem portuguesa chamada Ceci (Tatiana Issa). Um romance proibido que desafia as barreiras da cultura através da devoção e o amor de Peri por Ceci, que fazia tudo para salvar a amada. Os dois decidem fugir juntos para o meio da floresta mas são surpreendidos por uma tempestade. Baseado no clássico de José de Alencar.

04. CAPITU E O CAPÍTULO
Gênero:Romance,Drama
Duração 1h 15min
Direção: Júlio Bressane
Roteiro:Júlio Bressane, RosaDias
Elenco:Mariana Ximenes,Enrique Díaz, Vladimir Brichta

Capitu e o Capítulo explora de forma livre a obra do escritor Machado de Assis, Dom Casmurro. Com a proposta de ser um ensaio, a brevidade de capítulos que expandem a figura do narrador, o longa apresenta a personalidade complexa de Capitu (Mariana Ximenes), em contraste com os diálogos inventivos de Bentinho (Vladimir Brichta), e o amor profundo que ele sente pela moça. A paixão visceral clássica da nossa literatura, aqui é vista através de uma nova perspectiva. O enredo também trabalha com a inquietação dos sentimentos humanos, tal qual o ciúme intenso de Bentinho, e todas as intrigas desenvolvidas a partir de suas paranoias.

05. MEMÓRIAS PÓSTUMAS
Gênero:Comédia, Drama
Duração: 1h 41min
Origem: Brasil
Direção:André Klotzel
Roteiro:André Klotzel
Elenco:Reginaldo Faria,Petrônio Gontijo, Sônia Braga

Já morto, Brás Cubas (Luiz Fernando Guimarães) rememora sua agitada e ao mesmo tempo medíocre vida burguesa. Entre suas lembranças mais caras estão aquelas relacionadas a Virgília, mulher casada com quem teve um tórrido romance.

06. KARINGANA-LICENÇA PARA CONTAR
Gênero: Documentário
Duração: 1h 13min
Direção: Mônica Monteiro
Roteiro: Igor Miguel Pereira
Elenco:Maria Bethânia,José Eduardo Agualusa, Mia Couto

Conectado com diferentes formas de expressão da língua portuguesa, o ensaio poético da cantora Maria Bethânia desembarca em Moçambique. Através de depoimentos de escritores e críticos do país e também da Angola, o documentário apresenta um panorama do desenvolvimento da literatura nos países, onde teve papel fundamental na resistência à colonização e na preservação de tradições orais.